
Culturas juvenis, mídias e consumo:
mediações em educação

*Maria do Carmo Alves do Bomfim
Luzineide dos Santos Conceição*

RESUMO

Estudos recentes têm focado a cultura juvenil, entretanto há lacunas quanto aos desejos dos jovens. O presente estudo registra resultados de pesquisas do Observatório de Juventudes, Cultura de Paz e Violências na Escola – OBJUVE da Universidade Federal do Piauí, especificamente sobre as práticas dos grupos de Hip Hop Vida na Periferia “Vida P” e Movimento pela Paz na Periferia “MP 3” e outra pesquisa sobre “Juventudes, Mídias e Violências”, objetivando compreender as mediações formativas na construção das identidades das/os jovens envolvidas/os em práticas em tais práticas de sociabilidades. São referências teóricas desse trabalho os estudos de Adad (2004), Fischer (2008), Catani e Gilioli (2008), Bomfim (2006), Sposito (2003) dentre outras, que foi operacionalizado por meio de observação nos espaços onde se encontravam os sujeitos dessas pesquisas e de aplicação de questionário com perguntas abertas e fechadas. Como resultados podemos registrar que as identidades dos/as jovens da periferia de Teresina são construídas em meio a grupos de amigos, dos movimentos de que participam e de colegas do espaço escolar através de atividades culturais específicas (cine-periferia, teatro, danças etc.) mediadas por ações formativas planejadas. Não obstante essa formação, os/as jovens sofrem forte influência de atrativos para consumo mercadológico via instituições midiáticas, além de reforçarem práticas de violência.

PALAVRAS-CHAVE

Culturas juvenis; Identidades; Mídias; Educação

Youth culture, media and consumption: educational interventions

ABSTRACT

Recent studies have focused on youth culture, but there are gaps regarding the wishes of young people. This text presents results of research by the Centre for Youth, Culture of Peace and Violence in Schools – OBJUVE at the Federal University of Piauí. The study specifically dealt with the practices of Hip Hop Life in the Poverty-stricken urban outskirts (Life P), the Movement for Peace in the Periphery (MP 3) and another study about "Youth, Media and Violence ", with the objective of understanding the process identity construction, and the youth involved in such practices of sociability. Theoretical references used for this text include Adad (2004), Fischer (2008), and Gilioli & Catani (2008), Bomfim (2006), Sposito (2003), among others. The data collection involved observations of the youth in their everyday activities and a questionnaire with open and closed questions. As results, we may conclude that the identities of the young people in these outlying urban neighborhoods of Teresina are developed in the midst of groups of friends, the movements in which they participate, and colleagues in the school environment by engaging in specific cultural activities (mobile cinema theater, dance, etc.), planned mediated formative activities. Despite these experiences, the young people remain strongly influenced by consumer marketing trends through mass media institutions that strengthen the practice of violence.

KEYWORDS

Youth cultures; Identities; Media; Education



INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos, tem havido uma atenção especial, por parte de vários estudiosos, à cultura juvenil. Entretanto, Adad (2004) adverte que tais reflexões têm focado, predominantemente, os sistemas e as instituições presentes na vida das/os jovens, ou mesmo nas estruturas sociais que evidenciam situações problemáticas para esse segmento social. Poucos têm sido os trabalhos que enfocam reflexões abordando os segredos, os dramas, os desejos das/os jovens. Enfatiza, então, a referida autora: é urgente construir elaborações objetivando o jovem como protagonista de suas histórias.

Nessa perspectiva, o Observatório de Juventudes, Cultura de Paz e Violências na Escola (OBJUVE), do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí, bem como outros núcleos de pesquisa da UFPI, a exemplo do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Criança e o Adolescente — NUPEC —; de entidades governamentais e não governamentais do estado do Piauí, como a Coordenadoria Estadual de Direitos Humanos e da Juventude – CEDHJ — e a Secretaria Municipal da Juventude — SMJ —, que fazem mapeamentos das problemáticas que envolvem essa categoria social, vem realizando pesquisas com os jovens teresinenses. Neste trabalho, discutiremos especificamente resultados de pesquisa do OBJUVE, realizadas nos períodos de 2004 a 2006, “Juventudes e Identidades: Práticas Culturais de Jovens Urbanos na construção de suas identidades”, e de 2007 a 2009, “Juventudes, Mídias e Violências”. Sobre esta última, optamos por focalizar aspectos relacionados às mídias e ao consumo, tentando identificar de que forma influenciam na construção das identidades e das culturas juvenis.

Especificamente, optamos por trabalhar com a temática da educação escolar, a fim de buscar compreender de que forma essa mediação, como modalidade de formação de indivíduos, presente na maioria dos espaços sociais, contribui para a formação das identidades das/os jovens envolvidas/os em práticas de sociabilidades; além disso, corroboramos a ideia de Fischer (2008), quando afirma que é impossível imaginar uma sociedade na qual a existência de instituições, processos e práticas de sociabilidades não esteja ligada direta ou



indiretamente à educação. Assim, objetivamos compreender a dinâmica dos processos educativos que permeiam as diversas práticas culturais juvenis e, ainda, identificar as práticas e as formas de consumo incorporadas pelas/os jovens.

JUVENTUDES: INCERTEZAS CONCEITUAIS

Alguns autores têm procurado definir juventude de alguma forma, seja pela faixa etária; pela determinação da maturidade, da imaturidade; por critérios socioeconômicos; ou mesmo pelo estado de espírito, estilo de vida ou setor da cultura. No entanto, a maioria deles opta por deixar claro que tal conceituação é demasiadamente complexa, considerando a pluralidade das juventudes atuais. Sposito (2000) destaca que a categoria juventude é conceitualmente imprecisa, pois abarca situações e contextos com poucos elementos comuns entre si, o que justifica a existência das várias expressões culturais juvenis.

Catani e Gilioli (2008, p. 16), ao citarem Pierre Bourdieu, acrescentam:

A juventude “é apenas uma palavra”, uma vez que haveria pelo menos duas juventudes, a burguesa e a das classes populares, com diferenças significativas entre si. Jovens universitários, camponeses e operários têm pouco em comum, além da faixa etária. Assim, torna-se necessário falar em juventudes e culturas juvenis.

As práticas culturais dos jovens que rompem, muitas vezes, com a cultura dominante e vão modelando suas identidades são, na visão de Mannheim (1947), expressões juvenis que revelam, de um lado, as contradições da sociedade e, de outro, os potenciais de mudanças dos jovens, o que faz dessa categoria a primeira predestinada de qualquer transformação da sociedade. São, na verdade, segredos e dramas que caracterizam a vida dos jovens.

Bomfim (2006) afirma que a agregação dos jovens a outros jovens é um fenômeno juvenil aparentemente natural como continuidade da socialização primária iniciada na família. No entanto, seja na conjuntura nacional ou piauiense, esse fenômeno tem muitos vínculos nas dimensões afetivas, estruturais e políticas.



O processo de construção das culturas juvenis precisa ser entendido no contexto de origem social e das condições concretas de vida nas quais os jovens vêm sendo socializados. No caso dos jovens pobres, é necessário levar em conta que eles se apropriam de um conjunto de crenças, valores, visões de mundo, ou seja, de uma rede de significações vigentes na família, no meio social mais próximo, expressões de uma cultura popular que exprime um modo distinto de viver e construir a realidade.

CULTURAS JUVENIS E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

Na pesquisa sobre identidades e culturas juvenis, trabalhamos com jovens do Movimento *Hip Hop* e da Pastoral da Juventude. No âmbito do trabalho desenvolvido, os jovens integrantes desse movimento situam-se em diversas formas de sociabilidades.

Os do Movimento *Hip Hop* estão inseridos nos grupos “Vida P” (Vida na Periferia) e “MP 3” (Movimento pela Paz na Periferia) e objetivam difundir suas práticas, visando elevar a autoestima dos jovens da periferia, em especial dos integrantes das gangues, conscientizando-os de que são capazes de construir formas de viver que ressignifiquem sua dignidade.

A Pastoral da Juventude – vinculada à Igreja Católica – procura difundir e testemunhar o espírito cristão no meio dos jovens através de um trabalho de capacitação e formação de lideranças que possa multiplicar os valores evangélicos. Suas atividades são orientadas por Diretrizes da Ação Evangelizadora e pela Missão profética da Igreja de Teresina.

Os grupos de amigos de que participam integram, em geral, o próprio “movimento” ao qual se agregam (“Vida P” e “MP 3”, Pastoral da Juventude) e os do colégio, quando se trata daqueles que estão estudando. É possível destacar dois casos: um, dos que afirmam participar de grupos variados “desde religioso ao marginal”; e outro, que registra não ter mais nenhum contato com amigos da infância.



Sendo um segmento social que age em diversas comunidades, além de, em sua maioria, realizar trabalho voluntário, os locais de encontro variam entre os espaços residenciais dos jovens, a própria rua do bairro onde moram, o Centro Social do Parque Piauí, Centro Social Urbano – CSU (“Vida P”), estação digital no bairro São Pedro (“MP 3”) e a Igreja Católica (pastoral da Juventude). Isso demonstra que os jovens “em movimento” confirmam o que Melucci (1997) assevera: “os movimentos sociais são Nômades do Presente”, mudam sempre de lugar. Mesmo assim, estão sempre em rede.

Quanto ao lazer, de sete entrevistados, apenas quatro citaram dança, *break*, *DJs*, *rock* e *skate*; ou seja, são atividades próprias do movimento que integram. Com isso, percebemos que os jovens da periferia têm como territórios de suas vivências a própria periferia, o próprio bairro onde moram. Vivem mesmo à margem e parecem que têm pouco contato com o centro da cidade ou com os *shoppings*, porque não têm emprego, não têm dinheiro para compras. As escolas onde estudam, na maioria, situam-se nas proximidades de suas residências.

Inferimos, portanto, que a dimensão do lazer desses jovens em movimento é muito restrita. A exceção está naqueles que participam do “MP 3” que, através de projetos enviados a instituições financiadoras de trabalhos dessa natureza, a exemplo do Banco do Brasil, conseguiu uma Kombi, uma máquina filmadora para exibição de filmes para os moradores de bairros da periferia de Teresina, em especial para os integrantes de gangues. A partir daí, criou-se o Projeto “Cine Periferia”, apresentando filmes cada dia num bairro diferente. É uma diversão que, por ser desenvolvida em bairros pobres periféricos, restringe os espaços territoriais onde as/os jovens daqueles movimentos transitam ao seu próprio meio, o que evita certos limites à vida daquelas/es sujeitas/os. Isso demonstra, de um lado, ser interessante, pela possibilidade de estarem ligados às suas raízes e pelo cultivo do princípio da solidariedade entre elas/eles, criando oportunidade para seus/suas “manos/as”. Porém, por outro lado, o campo de conhecimento e de acesso a bens materiais e imateriais, historicamente construídos pela sociedade, fica contido.



Todas essas caracterizações – idades, grupos de amigos, locais de encontro, ações e locais de encontro de suas conversas — são indicadores que conduzem a um retrato do segmento juvenil investigado que, além da heterogeneidade inerente a qualquer grupo social, aponta para o cultivo do sentimento de solidariedade entre eles, entre seus pares, como base para a construção de suas identidades. Nesse sentido, é possível corroborar o que diz Sposito (2003, p. 3-5), citando Melucci, quando este trata das características dos movimentos sociais:

[...] a capacidade dos sujeitos envolvidos de se constituírem como um “nós”: trata-se da identidade coletiva. Quem somos nós? Será que existe um nós? [...] Melucci também afirma que os indivíduos não querem deixar de ser indivíduos nas suas lutas. Eles não querem ser dissolvidos no coletivo. As demandas de subjetividade em direção à autonomia, de realizar as próprias escolhas de decisões, de não abdicar de seus direitos, inclusive os mais elementares, mas que atingem o prazer de estar juntos, de conviver, enfim, todos esses ingredientes são elementos indissociáveis das práticas coletivas. Se os indivíduos não crescerem juntos nas lutas, eles não estarão presentes nelas. Assim, a dimensão do coletivo e da subjetividade dos sujeitos deve estar sempre articulada.

Quanto ao grau de importância dado à escola, os entrevistados, embora fazendo críticas a essa instituição, atribuíram-lhe nota média entre 7,0 e 8,0, valorizando o nível de qualificação e dedicação dos/as professores/as, apesar de reconhecerem as condições desfavoráveis dos espaços escolares; a possibilidade de galgar oportunidades na vida “vai ser alguma coisa...” é a base de tudo. No referente às políticas educacionais governamentais, as críticas mencionam a depredação dos prédios escolares e seus equipamentos, a fragilidade das políticas educacionais governamentais.

Percebemos que os sujeitos reconhecem o espaço escolar como importante em sua vida; no entanto, percebem a precariedade desse espaço no que se refere às condições de infraestrutura, manutenção e organização, fatores que influenciam no processo de ensino-aprendizagem.

CULTURA MIDIÁTICA E CONSUMO

Embora percebendo as práticas culturais juvenis como expressão de autonomia dos jovens “em movimento”, ou mesmo como uma maneira de protestar contra as classes dominantes que agem principalmente através dos meios de comunicação de massa, questionamos: até que ponto essas práticas ou estilos próprios são influenciados pela lógica social e política dominadora?

Nessa lógica moderna da indústria cultural, o sujeito jovem é utilizado como instrumento fundamental, fato esclarecido na citação a seguir:

O discurso publicitário associa a juventude ao próprio ato de consumir. Ainda que o consumo cultural construa uma imagem positiva da juventude, a necessidade de condições sociais e econômicas nem sempre permite que os próprios jovens possam vivenciar as idealizações de que são objeto. A força da indústria cultural contribui de forma decisiva para uma série de exclusões e diferenciações entre as múltiplas condições juvenis. (CATANI; GILIOLI, 2008, p. 20).

A mídia é a instituição, por excelência, de formação dessa indústria cultural; as representações mais conhecidas sobre juventude são produzidas pelos meios de comunicação, que tendem, com facilidade, a elaborar caricaturas do que seria a cultura jovem. No desejo de sentirem-se pertencentes e aceitos pelos grupos de iguais, os jovens desejam consumir os produtos que lhes permitem ter esses sentimentos (MATOS, 2001) — é o que confirma a fala de alguns sujeitos da pesquisa “Juventudes, Mídias e Violências”:

“Ao verem os artistas usarem determinados produtos, alguns jovens querem comprá-lo”.

“Fazem com que muitos desejem determinados produtos... e, muitas vezes, não podendo obtê-lo, acabam tendo de praticar algo de errado, como roubar”.

“Influência no consumo desenfreado”.

“Muitas vezes tem uma influência negativa, fazendo com que os jovens procurem meios ruins para atenderem seus desejos”.

“Muitos programas influenciam as práticas de violência dos jovens”.



Nesse sentido, segundo Fischer (2008, p. 18), as mídias não são mais simples mecanismos informativos, em que se mostra o que aconteceu, mas uma instância da cultura que deseja oferecer muito mais informação, lazer e entretenimento; mostra-se, na maioria das vezes, como um instrumento de imposição de valores e ideologias. Dessa maneira, os indivíduos, de um modo geral, constroem seus espaços e suas subjetividades sobre a influência da cultura midiática dominante.

Apesar de percebermos essa dominação massificadora dos meios midiáticos e o poder da indústria cultural no Brasil, os estudos sobre os jovens, a partir da década de 1980, começaram a criticar a idéia de que a expressão do consumo juvenil, o lazer e suas práticas culturais se reduzem apenas a essa dimensão de dominação. Sobre tal discussão, concordamos com o ponto de vista reforçado por Catani e Gilioli (2008), quando dizem que, quanto ao papel do consumo cultural para os jovens, é preciso buscar um equilíbrio. Mesmo ocorrendo a apropriação e a dominação dos estilos juvenis por parte da indústria cultural, as expressões dos grupos ou das subculturas juvenis, seriam, sobretudo, reinterpretações que esse segmento faz dos problemas, das potencialidades e dos rumos possíveis da sociedade que o cerca.

(IN)CONCLUSÕES

Ao tratar do tema em tela, percebemos muitos desafios impostos cotidianamente à família e à escola, como o objetivo de minorar os efeitos de vulnerabilidades sociais a que são submetidos os jovens e as jovens teresinenses, moradores dos bairros pobres.

Uma das respostas mais sensatas e saudáveis diz respeito à construção de práticas sociais que oportunizem condições para elas e eles, a fim de que sejam os protagonistas de suas próprias histórias, de forma crítica e cidadã, em todos os âmbitos da vida social, com posturas de cidadania compatíveis com os seus desejos e necessidades, elevando a autoestima de cada um/a e ressignificando seus traços identitários.



Torna-se importante, ainda, construir permanentemente relações entre juventudes, educação e mídias, em virtude de estreita vinculação entre tais categorias de análise, uma vez que os jovens são fortes consumidores de processos formativos gestados no ambiente escolar, onde são refletidos no seu cotidiano os problemas vividos pela sociedade, em especial por influência das mídias.

Convém salientar que estudos da natureza deste trabalho são significativamente visíveis e absorvidos, quando são produzidos por grupos de estudantes e docentes universitários, particularmente nos núcleos de estudos e pesquisas onde são socializados os projetos de pesquisa e seus resultados, pela difusão de artigos científicos e relatos de experiências; por revistas especializadas; e, além disso, pela articulação dos estudos e das pesquisas em rede, como o caso do Observatório de Juventudes, Cultura de Paz e Violências nas Escolas.

REFERÊNCIAS

ADAD, S. J. H. C. **Jovens e educadores de rua: itinerários poéticos que se cruzam pelas de Teresina.** Tese (Doutorado em Educação Brasileira) — Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

BOMFIM, M. C. A.; MATOS, K. S. L. (Org.). **Juventudes, cultura de paz e violências na escola.** Fortaleza: Editora da UFC, 2006.

CATANI, A. M.; GILIOLI, R. S. P. **Culturas juvenis: múltiplos olhares.** São Paulo, SP: UNESP, 2008.

FISCHER, R. M. B. Mídia, juventude e Educação: modos de construir o “outro” na cultura. **Arquivos analíticos de políticas educativas**, v. 16, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://epaa.asu.edu/epaa/v16n2>>. Acesso em: 03 abr. 2010.

MANNHEIM, K. **O problema da juventude na sociedade moderna.** Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1947.



MATOS, K. S. L. Escola: quando a juventude tece significados. In: DAMASCENO, Maria Nobre; MATOS, Kelma Socorro Lopes de; VASCONCELOS, José Gerardo (Org.) **Trajetórias da juventude**. Fortaleza: Editora da UFC, 2001.

MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação** — ANPED, Rio de Janeiro, p. 5-14, 1997.

SPOSITO, M. P. Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área de educação. In: _____ (Coord.). **Estado do conhecimento: juventude e escolarização**. São Paulo: Ação educativa/INEP, 2000.

SPOSITO, M. P. **Os jovens do Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas**. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

Maria do Carmo Alves do Bomfim

Professora Adjunta da Universidade Federal do Piauí – UFPI;
Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas “Educação, Gênero e Cidadania” – NEPEGEI

Luzineide dos Santos Conceição

Estudante de Pedagogia da UFPI e integrante do Projeto de Iniciação Científica do NEPEGEI (2008/2010)

Recebido em: 30/06/2010
Publicado em: 30/09/2010